

POR UMA VISÃO COMPREENSIVA DO PROCESSO DE RECOMPOSIÇÃO

Patrícia Affonso de Oliveira (UFRJ)

patiaffonso@yahoo.com.br

Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ)

carlexandre@bol.com.br

1. Considerações iniciais

Neste texto, abordamos o processo de recomposição em português, procurando mostrar que esse mecanismo de ampliação lexical compartilha propriedades da composição e da derivação, justificando, assim, a proposta de *continuum* defendida por autores como Kastovsky (2009) e Gonçalves (2011a). Procuramos mapear os formativos que participam desse processo, nos dias de hoje, mostrando em que aspectos se assemelham a radicais e que propriedades compartilham com afixos. Neste texto, focalizamos os elementos de primeira posição, a exemplo de *agro-*, *aero-*, *bio-* e *eco-*.

2. Sobre o processo de recomposição

Cunha & Cintra (1985) fazem uma análise das diferenças entre radicais neoclássicos³⁵ e pseudoprefixos³⁶, afirmando que estes têm um comportamento diferente, pois, apesar de adquirirem sentido especial nas línguas modernas, ainda se empregam com o significado etimológico em numerosas construções morfológicas do português. Para os autores, os radicais que adquirem nova carga semântica assumem o sentido global dos vocábulos de que antes eram constituintes. Portanto, distinguem-se

³⁵ Palavras neoclássicas não são simplesmente empréstimos. Como afirma Lüdeling (2009, p. 04), “tais construções são formadas por mecanismos que muitas vezes diferem da formação de palavras com radicais nativos, mesmo nas línguas românicas”. Na literatura morfológica, o termo neoclássico é utilizado em referência à composição com bases gregas e latinas, a exemplo das que ocorrem nos chamados internacionalismos. Internacionalismo, na visão de Ralli (2010, p. 03), é um termo usado como “descrição pragmática de palavras morfofonologicamente semelhantes em diferentes línguas, que, formadas com elementos do grego e do latim, expressam o mesmo conceito”.

³⁶ De acordo com Cano (1998), um pseudoprefixo, radical neoclássico ressemantizado, como *tele-*, “não exerce a função de preposição nem de advérbio próprias do prefixo e também não se enquadra entre os radicais em razão da deriva semântica e da alta produtividade”.

dos radicais neoclássicos por apresentar “deriva semântica”, o “que se evidencia quando processada a *decomposição*” (grifo dos autores): “os elementos ingressam em outras formações com sentido diverso do etimológico” (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 112). Os gramáticos acreditam que a “deriva semântica” desses elementos decorre de um processo denominado recomposição por André Martinet³⁷, já que não se identificam com o processo de composição e tampouco com o de derivação. Os autores explicam que radicais como *bio-*, *foto-*, *eco-*, *eletro-* e *agro-*, entre tantos outros, são caracterizados

- a) por apresentarem um acentuado grau de independência;
- b) por possuírem “uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto de um sintagma;
- c) por terem, de um modo geral, menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos. (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 111-112)

Monteiro (2002, p. 191) trata a recomposição como um tipo específico de composição: constitui “mecanismo formador de novas palavras em que apenas uma parte do composto passa a valer pelo todo e depois se liga a outra base, produzindo uma nova composição”. O autor traz exemplos com *auto-*, *tele-* e *foto-*, mostrando que esses itens não atualizam mais os seus significados etimológicos “de/por si próprio”, “ao longe” e “luz, radiação magnética”, respectivamente. Segundo ele, tais elementos veiculam o significado dos compostos neoclássicos ‘automóvel’, ‘televisão/telefone’ e ‘fotografia’ e, ao se unirem a outras bases, formam, por exemplo, ‘autódromo’, “lugar de corrida de carros”; ‘telecine’, “filmes de cinema exibidos pela televisão” e ‘fotomontagem’, “montagem feita de fotografias”. Assim, ainda segundo Monteiro, a formação ‘autódromo’ se relaciona semanticamente com ‘automóvel’, não mais com o elemento grego *auto-* que aparece em exemplos como ‘autorretrato’ e ‘autodidata’, veiculando a ideia “de/por si próprio” (MONTEIRO, 2002, p. 192). Em relação à *auto-*, comparem-se as duas colunas de formas listadas em (01), a seguir³⁸:

³⁷ Martinet (1967, p. 135) afirma que a recomposição é “uma situação linguística particular que não se identifica nem com a composição propriamente dita, nem tampouco, de um modo geral, com a derivação, que supõe a combinação de elementos de estatuto diferente”.

³⁸ Neste artigo, usamos o hífen apenas para sinalizar, nos dados, uma fronteira morfológica. O emprego do hífen, portanto, não necessariamente é o preconizado pelo Novo Acordo Ortográfico.

(01)	autodidata	autopeças
	autoestima	autoescola
	autoimagem	autoesporte
	autoatendimento	autoestrada
	autoajuda	autorrádio
	autoavaliação	autosseguro
	autoexame	autoshopping

Na primeira coluna de (01), o formativo *auto-*, oriundo do substantivo grego *autós*, atualiza os significados “(de, pelo) próprio” e “(de, por) si mesmo” (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 113). De acordo com Gonçalves & Andrade (2012: 133), “a forma automóvel, apesar de mais opaca, enquadra-se nesse grupo, pois foi criada para designar um veículo que se movimenta com motor próprio, em oposição aos carros antigos, todos com tração animal”. Na segunda coluna, aparecem formas recompostas, pois *auto-* deixa de veicular o significado etimológico e, nos termos de Belchor (2011, p. 161), é empregado em referência a alguma característica relevada no domínio “carro”. Desse modo, ‘autoesporte’ é o nome de um “programa de televisão dedicado a esportes automotivos” e ‘autosseguro’, um “seguro para veículos”.

Monteiro (1987) também faz referência ao formativo *tele-*, que, assim como *auto-*, impulsiona o processo de recomposição. Segundo ele, ‘telefone’, ‘televisão’ e ‘teleguiar’ não são itens recompostos, uma vez que cada componente vale por si, mas em ‘telenovela’, “tele – significa ‘televisão’, o que já é bastante diferente” (MONTEIRO, 1987, p. 192). O autor conclui que *auto-* (‘automóvel’), *tele-* (‘televisão’) e *foto-* (‘fotografia’) são os elementos morfológicos que configuram a recomposição em português. Portanto, a principal diferença entre composição neoclássica e recomposição é mudança de significado que uma base de origem greco-latina experimenta.

Cano (1998) afirma que existem termos técnico-científicos desconhecidos dos falantes em geral, pois são unidades morfológicas utilizadas em um domínio de especialidade e empregadas em situações de comunicação somente pelos especialistas. Segundo ela, esses termos podem migrar para a linguagem cotidiana, principalmente através dos meios de comunicação em massa. Esse movimento de um termo científico para a língua geral pode resultar em mudança ou extensão de sentido, ocorrendo o que Cano (*op. cit.*) denomina de “vulgarização lexical”. De acordo com a autora, “quando o termo passa para a língua geral, pode adquirir vários outros significados que se juntam ao significado original ou o substituem” e “foi exatamente isso que ocorreu com os elementos eruditos *auto-*,

eletro- e *tele-*, entre outros” (CANO, 1998, p. 13). A autora acredita que esses elementos estão situados à margem de qualquer classificação.

Analisando com mais vagar o formativo *tele-*, Cano (*op. cit.*) afirma que essa partícula passou a funcionar como pseudoprefixo, já que não funciona como prefixo nem como radical por conta de sua alta produtividade e pelo fato de ter passado por processo de especialização semântica. No entanto, a própria autora reconhece que “uma das dificuldades de adotar o conceito de ‘pseudoprefixo’ consiste em decidir onde colocar palavras como ‘teledependência’: se na derivação ou na composição” (CANO, 1998, p. 13). Ela acredita que *tele-* entrou para a língua geral com um novo sentido, distinto do etimológico, “através da televisão”, e usa como exemplo a palavra ‘telespectador’. Afirma, ainda, que, além do sentido de “pela televisão”, estão aparecendo novas formações com mais um sentido especializado, “pelo telefone”, e exemplifica com ‘telesaque’, ‘tele-entrega’ e ‘telecheque’. Cano, ao concluir a análise de *tele-*, afirma que, no português brasileiro, o formativo *tele-* pode significar “pela televisão”, “pelo telefone” ou “telecomunicação” (‘telebras’, ‘telemar’ ‘telesp’, ‘telerj’), além do sentido etimológico “à distância” (‘telégrafo’, ‘telegrama’, ‘telêmetro’, ‘telepatia’). Andrade (2013, p. 111) atenta, ainda, para a possibilidade de *tele-* funcionar como forma livre quando, sempre no plural, faz referência genérica “a um conjunto de empresas prestadoras de serviços de telecomunicação subsidiado pelo governo federal”, como se vê nos exemplos a seguir, extraídos da autora:

(02) “Teles devem estreiar iPhone 5 no Brasil em 15 de dezembro”

<http://info.abril.com.br/noticias/blogs/trending-blog/apple>

“Fiscalização sobre as teles não deve gerar novas punições”

<http://www1.folha.uol.com.br/mercado>

“Lei das antenas no Rio de Janeiro estabelece prazo para as teles”

<http://www.institutotelecom.com.br>

Belchor (2011) descreve o fenômeno da recomposição, selecionado para análise *auto-* e *moto-*, formativos oriundos dos compostos neoclássicos ‘automóvel’ e ‘motocicleta’, respectivamente. Para a autora, nos itens lexicais recompostos, as sequências encurtadas adquirem o significado da base de onde se desprenderam, e, para ilustrar, usa como exemplo o recomposto ‘autoescola’, em que a porção *auto-* significa “automóvel” e não “por si próprio”; tem-se, então, nesse caso, um vocábulo formado pelo processo de recomposição, uma vez que uma das bases consiste no “encurtamento de uma palavra matriz e não um radical isolado” (BELCHOR, 2011, p. 153). A autora acredita que os formativos

auto- e *moto-* estão adquirindo estatuto de prefixo, já que apresentam alta produtividade, característica que os aproxima dos afixos.

Afirmando que o processo de recomposição envolve o encurtamento da palavra matriz em um item que assume o significado do todo, Belchor (2011, p. 159) adverte que o encurtamento “consiste apenas em parte do processo, uma vez que, as sequências encurtadas não funcionam como unidades lexicais autônomas”. Argumenta, ainda, que “a base dos itens recompostos é uma sequência truncada que se caracteriza por ser presa, enquanto os produtos gerados pelo processo de truncamento que não integram posterior recomposição atuam como formas livres na língua” (BELCHOR, 2010, p. 159). A autora conclui sua análise afirmando que *moto-* funciona como item lexical autônomo, mas *auto-* não pode ser usado como item lexical autônomo, já que é uma forma presa.

Ferreira (2011, p. 134) aborda o processo de recomposição a partir do afixoide³⁹ *tele-*. Define a recomposição como “uma formação resultante de dois processos morfológicos em que primeiramente o falante reduz uma dada forma linguística que, por sua vez, passará a funcionar ‘representando’ a palavra da qual era parte”. Ferreira discorda da definição de Belchor (*op. cit.*), pois acredita não existir um processo de truncamento como condição necessária para a formação de recompostos. Explica que, no caso do truncamento, as formas reduzidas “funcionam” livremente na língua e, para comprovar sua afirmação, exemplifica com itens como ‘*refri*’ (<‘refrigerante’), ‘*Fla*’ (<‘Flamengo’) e ‘*Flu*’ (<‘Fluminense’) que funcionam como palavras autônomas na língua e são verdadeiros casos de truncamento. A autora afirma que, nos casos de recomposição, as formas reduzidas só aparecem ligadas à outra unidade lexical, não sendo “possível usarmos livremente na língua a forma *tele-* para falar de telefone ou televisão” (FERREIRA, 2011, p. 134), já que essa unidade morfológica é presa e não estabelece, por si só, comunicação suficiente, como atestam os exemplos a seguir, extraídos de Ferreira (*op. cit.*):

- (03) *Passei meu tele para a Janete me ligar à noite
*Vou assistir a uma tele para me distrair.

Ferreira (*op. cit.*) considera o formativo *tele-* como um elemento bastante usual nos dias de hoje. Para ela, *tele-* se assemelha a um prefixo

³⁹ Afixoide e pseudoafixo são sinônimos usados em referência às unidades do processo de recomposição. Optamos pelo primeiro termo, afixoide, por ser de uso mais generalizado na literatura morfológica.

xo, pois expressa um significado recorrente que não altera a classe das palavras a que se adjunge e tem alta produtividade.

Gonçalves (2011a) descreve o fenômeno da recomposição como “o mecanismo pelo qual se cria um composto a partir do encurtamento de outro” e que a recomposição é “um processo em que a parte truncada adquire o significado de todo o composto da base de onde se desprende” (GONÇALVES, 2011a, p. 68-69). Para o autor, “nas novas formações, entretanto, a base, numa espécie de metonímia formal, remete à acepção do composto que lhe deu origem, afastando-se, com isso, de seu significado original” (*op. cit.*, p. 68).

Gonçalves (*op. cit.*) acredita que os itens formados pelo processo de recomposição não constituem casos prototípicos de composição nem de derivação, pois afirma que os itens recompostos passaram por um processo de mudança morfossemântica e que a recomposição é um tipo de operação difusa, já que exibe características tanto da composição quanto da derivação. Por esse motivo, acredita que a recomposição está nos limites entre a derivação e a composição, ou seja, é um dos processos morfológicos que transitam no *continuum* morfológico que propõe com base em Bauer (2005), Kastovsky (2009), Ten Hacken (1994) e Baker (2000), entre outros teóricos.

Em outro artigo, Gonçalves mostra que, no processo de recomposição, “parte de uma palavra complexa é encurtada e adquire novo significado especializado ao se adjungir sistematicamente a formas com livrecurso na língua” (GONÇALVES, 2011b, p. 15). O autor acredita que o comportamento multifuncional dos compostos neoclássicos dificulta sua classificação em uma categoria própria (p. 08). Para o autor, elementos de primeira posição, como *eco-* e *homo-*, *auto-*, *moto-*, *foto-*, *aero-* e *agro-*, entre tantos outros, quando aparecem combinados com palavras, são casos típicos de recomposição.

Oliveira & Gonçalves (2011, p. 180) estabelecem a seguinte definição para o processo de recomposição:

A recomposição é o processo pelo qual há o encurtamento de uma palavra, outrora um composto neoclássico, em que o arqueoconstituente, nos termos de Corbin (2000), adquire o significado do composto erudito com alta relevância cultural. Esse radical se junta a uma forma livre da língua, formando nova palavra, agora menos formal por evocação a uma palavra tomada como modelo. Devemos entender que o radical encurtado não preserva o sentido etimológico da forma-gatilho de onde se desprende.

Os autores explicam que a forma encurtada é uma metonímia do composto e que o processo de recomposição utiliza como formativos dois tipos de radicais: aqueles que são presos e se comportam como prefixos, como é o caso de *eco-*, *auto-*, *tele-* *bio-*, entre outros, e aqueles que, pelo processo de *clipping*, funcionam como radicais livres, ou seja, são unidades lexicais autônomas com estatuto de palavra na língua, como é o caso de *homo-*, *foto-* e *moto-*. Os autores afirmam que o formativo *eco-* hoje se comporta mais como um prefixo, pois se adjunge a formas de livre curso na língua, formando novas palavras em série – não mais com o sentido etimológico de “casa, habitat” (como em ‘ecologia’, ‘economia’), mas com novos significados que adquiriu dos compostos ‘ecologia/ecológico’: “ecológico”, “meio ambiente” e “reciclagem”. Assim, formas como ‘ecoatitude’ (“atitude ecológica”) e ‘ecopicareta’ (“pessoa desonesta que desvia verbas públicas destinadas ao tratamento de questões ambientais”) são dados que os autores utilizam para exemplificar recompostos em *eco-*.

Os autores acreditam que *eco-* se assemelha a um prefixo por que

(a) não altera a classe das palavras a que se liga, (b) é bastante produtivo nos dias de hoje, e, além disso, (c) é uma forma, que, sozinha, não funciona como palavra e (d) fixou-se na margem esquerda nas estruturas morfológicas do português (OLIVEIRA & GONÇALVES, 2011, p. 182).

Acrescentam, ainda, que, nas estruturas recompostas em *eco-*, o padrão relacionado à posição da cabeça lexical é DT-DM⁴⁰, já que “*eco-* funciona como determinante do termo recomposto: em ‘ecoterrorista’, *eco-* é modificador do nome ‘terrorista’, que designa “pessoa que faz terrorismo sobre as questões ambientais” (p. 182).

De acordo com Gonçalves (2011b), as formações recompostas caracterizam o que pode ser denominado de compactação (zipagem), termo que corresponde, em inglês, a *secretion* (JERPERSEN, 1925; WARREN, 1990)⁴¹: um arqueoconstituente, aqui entendido como um radical neoclássico, adquire, numa relação de metonímia formal, o significado do composto de que era constituinte e atualiza esse conteúdo especializado na

⁴⁰ Abreviações de DeterMinado e DeterminanTe, respectivamente. O primeiro termo faz referência ao núcleo (cabeça) de uma construção morfológica e o segundo, ao adjunto, modificador.

⁴¹ Em inglês, o termo *secretion* remete ao ato ou ao processo de separação, elaboração e envio de substância que preencha adequadamente alguma função, motivo pelo qual traduzimos *secretion* por compactação.

combinação com novas palavras. Casos mais recentes de recomposições no português contemporâneo envolvem os formativos *agro-*, de ‘agronomia’/‘agricultura’, *bio-*, de ‘biologia’/‘biológico’ e *aero-*, de ‘aeronave’, como se vê nos dados a seguir:

(04)	agronegócio	biopirataria	aeroLula
	agroexportação	biodegradável	aeroporto
	agroflorestal	biocombustível	aeromodelismo
	agroeconomia	bioterrorismo	aeromoça

Gonçalves & Andrade (2012, p. 135) classificam a recomposição como um processo morfológico que faz uso de afixoides, os quais, segundo os autores, são elementos neoclássicos caracterizados pela compactação do significado de um composto de que eram constituintes. Para Gonçalves & Andrade (*op. cit.*), afixoides compartilham propriedades de afixos e de radicais, o que dificulta a categorização como compostas ou derivadas das novas formações de que participam, justificando assim, a proposta de *continuum* morfológico que propõem para o português, na esteira de Gonçalves (2005).

3. *Sobre a natureza dos afixoides: abordagens teóricas e usos em português*

Os chamados radicais neoclássicos são considerados um problema para a teoria morfológica, pois, segundo Bauer (2005, p. 105), não está claro se os compostos neoclássicos devem ser incluídos, em sua totalidade, no processo de composição, já a maioria não constitui lexemas em inglês, pois vários deles não se atualizam como palavras nessa língua.

Segundo Booij (2005), o termo afixoide foi introduzido na literatura morfológica para denotar morfemas que parecem peças de compostos e ocorrem como lexemas, mas com um significado específico e mais restrito, quando usado como parte de um composto. O autor explica que a ascensão dos afixoides é um caso típico de gramaticalização:

como sabemos, a partir do estudo de gramaticalização, a mudança semântica precede a mudança formal. No caso dos afixoides, a mudança semântica já aconteceu, mas não há ainda nenhuma mudança formal: eles são formalmente como compostos reais, normalmente não há enfraquecimento fonológico envolvido. (BOOIJ, 2005, p. 118)

A gramaticalização, nesse caso, evidencia que a composição e a derivação não devem ser vistas como dois mecanismos morfológicos radicalmente diferentes, já que há uma forte semelhança entre os dois pro-

cessos de formação de palavras, o que nos leva a concluir que afixos derivacionais são componentes da estrutura morfológica, assim como constituintes de compostos (BOOIJ, 2005, p. 129). O autor afirma que a noção de afixoide recebe

uma interpretação formal em termos de padrões de vinculação no léxico e, portanto, [afixoide] não é visto apenas como um termo teórico que introduz uma terceira classe de morfemas, além de morfemas lexicais e morfemas presos. Um afixoide é um lexema que ocorre em um subesquema de compostos em que a outra posição ainda é uma variável, sem uma especificação lexical. Tais esquemas são intermediários entre compostos concretos individuais e esquemas totalmente abstratos para estruturas compostas. O significado específico e recorrente de um lexema na estrutura do composto é especificado neste nível intermediário. (BOOIJ, 2005, p. 121)

Para Booij (*op. cit.*), afixoide são formas que parecem partes de um composto e podem ocorrer como lexemas, mas apresentam um significado mais geral e podem aparecer em séries de palavras. Booij conclui que a postulação de afixoide é uma descrição conveniente para o fato de a fronteira entre derivação e composição ser turva, independentemente de formarem ou não uma classe separada. Essa evidência o levou a propor que a derivação e a composição devem receber o mesmo tratamento na morfologia, sendo igualmente analisadas numa perspectiva construcional (p. 117).

Ten Hacken (1994) afirma que o aumento na produção de novas formas e a diminuição da especificidade semântica fazem com que afixoide se assemelhem a afixos; por outro lado, sua vinculação a uma forma livre os aproxima dos radicais. Gonçalves (2011a) observa que afixoide têm características tanto de radicais quanto de afixos e afirma que o termo remete para algo “semelhante a um afixo” (*op. cit.*), o que, segundo o autor, “implica afirmar que essa entidade partilha de certas semelhanças com um afixo, ao mesmo tempo em que ostenta diferenças em relação a esse elemento morfológico” (2011, p. 65). Gonçalves & Andrade (2012) entendem que afixoide justificam a proposta de *continuum* e constituem evidência empírica de que as fronteiras entre composição e derivação são maleáveis de ambos os lados, não havendo, portanto, uma “muralha da China” separando esses dois principais processos de formação de palavras.

4. A natureza dos afixoides e o continuum radical-afixo

Ralli (2010) observa que, em abordagens mais antigas, afixoides são considerados como pertencentes a uma classe diferente, situada entre lexemas e afixos, sendo denominados de várias formas, a depender do autor, como, por exemplo, pseudoprefixos (KENESEI, 2007; SCHMIDT, 1987), semiafixos (MARCHAND, 1967, 1969), semipalavras ou radicais eruditos (SCALISE, 1984), confixos (MARTINET, 1979). Atualmente, informa Gonçalves (2011b), também há enorme variação terminológica para esse tipo de elemento: arqueconstituintes (CORBIN & PAUL, 2001), formas combinatórias iniciais/finais (BAUER, 1988; LEHRER, 1998), raízes de fronteira (TEN HACKEN, 1994).

Na literatura sobre o português, também predomina a imprecisão terminológica, pois afixoide é usado em referência às seguintes entidades:

- (a) encurtamentos que remetem, metonimicamente, ao significado da palavra complexa de origem e não concorrem com nenhuma palavra pré-existente (DUARTE, 1999; 2008), a exemplo de *bio-*, *aero-* e *foto-*;
- (b) elementos plenos (não encurtados) que, necessariamente, coexistem com uma palavra da língua (SANDMANN, 1989; 1992), seja ela uma preposição (*sem-*, *entre-*), um advérbio (*não-*) ou mesmo um substantivo (*-mania*, *-metro*);
- (c) formas encontradas numa única construção complexa (ROCHA, 1998), como o *-ebre* de ‘casebre’ e o *-ujo* de ‘marujo’.

Como a referência em (c) é encontrada exclusivamente em Rocha (1998) e não apresenta respaldo na literatura morfológica, preferimos denominar entidades como as listadas em (05), a seguir, de casos de *hapax legomenon* (expressão grega que significa “dito uma vez só”), como o faz Gonçalves (2012), entendendo que tais elementos não podem ser afixoides pelo simples fato de não serem recorrentes, caracterizando formações únicas, isoladas:

(05)	casebre	carniça	corpanzil	copázio
	marujo	ferrolho	sanduba	pelanca

Neste artigo, procuramos analisar mais de perto a situação em (a), por ser esta a referência mais representativa ao termo afixoide na literatura. Remetemos o leitor interessado aos trabalhos de Gonçalves & Thompson (2013) e Gonçalves & Almeida (no prelo), sobre, respectivamente,

as formas *X-mania* e *X-metro* em português, textos em que se analisa a situação dos elementos de segunda posição em relação às formas livres correspondentes. Neste artigo, portanto, o termo afixoide cobre a mudança de significado experimentada pelos radicais neoclássicos que deixam de participar da composição de base presa para atuar no processo de recomposição, tal como definido na seção 2. Como destaca Gonçalves (2012), é bem maior produtiva a promoção de radicais neoclássicos a prefixos, razão pela qual nos concentramos nos formativos de primeira posição.

Em Iordan & Manoliu (1980), apresentam-se várias propriedades que diferenciam prefixos de prefixoides, unidades que, em comum, são formas presas e se antepõem às bases a que se adjungem. A primeira diferença diz respeito à origem das duas entidades, pois prefixos tendem a evoluir, sobretudo, de advérbios e preposições (CAMARA Jr, 1970), enquanto prefixoides provêm de radicais (DUARTE, 1999). Em segundo lugar, prefixoides têm origem clássica (grega ou latina) e foram introduzidos mais recentemente nas línguas românicas, sendo usados primeiramente para cunhar termos técnicos e científicos. Além disso, prefixos têm rendimento bem maior na língua, aplicando-se a um conjunto mais numeroso de formas linguísticas. Por fim, prefixos são semanticamente mais estáveis e veiculam significados mais gerais, enquanto prefixoides exibem conteúdos mais específicos (lexicais) e apresentam, nos termos dos autores, “sentido menos estável que os prefixos” (IORDAN & MANOLIU, 1980, p. 123).

Os critérios apresentados em Iordan & Manoliu (*op. cit.*), embora sirvam de guia à distinção que interessa, são passíveis de questionamento. Sem dúvida alguma, a primeira propriedade (origem) e a última (natureza do significado) são, de fato, aspectos que diferenciam as duas unidades ora contrastadas. Por outro lado, do mesmo modo que Duarte (1999), não concordamos com a alegação de que prefixoides têm baixa rentabilidade em português. Na verdade, formas morfologicamente relacionadas por recomposição são extremamente aplicáveis na língua, o que as torna parecidas, nesse aspecto, com a prefixação. Ferreira (2011) chegou a recolher o surpreendente montante de quase 450 construções *tele-X*. O mesmo vale para as formações com *eletro-*, analisadas em Tavares da Silva (2013), 270 dados, e para as construções com *bio-*, descritas em Vivas (no prelo) – 350 formas. Embora o número de ocorrências com *auto-* e *moto-* seja menor, também chama atenção a quantidade de compostos que Belchor (2011) conseguiu reunir: cerca de 100 exemplares.

Em Oliveira & Gonçalves (2011), foram analisadas mais de 100 formações em *eco-* e 80 em *homo-*. Como se vê, os poucos trabalhos sobre o fenômeno mostram a alta aplicabilidade das formas examinadas, o que, de modo algum, confirma a ideia de Jordan & Manoliu (1980), pelo menos para o português.

Vejamos, a seguir, como se comportam os prefixoides em relação a alguns dos critérios propostos em Gonçalves & Andrade (2012) para diferenciar radicais de afixos. Em relação ao parâmetro *fixidez*, a classe dos afixoides não é homogênea, pois alguns são formas presas e, por isso mesmo, não funcionam, isoladamente, como palavras, nem mesmo a partir do processo de *clipping*. Em (06), a seguir, listam-se os prefixoides que aparecem apenas no interior de palavras morfológicamente completas; em (07), relacionam-se os prefixoides que, em função do truncamento, têm estatuto nominal, podendo ser utilizados sozinhos como comunicação suficiente, nos termos de Bloomfield (1933). Observe-se que o volume de formas presas – que, nesse aspecto, portanto, comportam-se como afixos – é bem maior que o de formas potencialmente livres, que mais se assemelham a radicais:

(06) *eco-* (< ecologia, ecológico), *auto-* (< automóvel), *tele-* (< telefone, televisão), *bio-* (< biologia), *agro-* (< agrícola), *aero-* (< aeronave), *petro-* (< petróleo), *tecn-* (< tecnologia, tecnológico).

(07) *foto-* (< fotografia), *homo-* (< homossexual), *moto-* (< motocicleta), *eletro-* (< eletrônico).

Como destacamos mais acima, a rentabilidade é um aspecto que aproxima afixos de afixoides, já que ambos formam séries de palavras. Além disso, tanto prefixos quanto prefixoides dificilmente revelam o impacto pragmático do falante em relação ao enunciado, ao referente ou ao interlocutor, não apresentando, portanto, o que Basílio (1987) chama de função expressiva de avaliação. Em outras palavras, ao contrário dos sufixos, não manifestam a modalização apreciativa, *através da qual o locutor imprime sua marca ao enunciado, inscrevendo-se, explícita ou implicitamente, na mensagem* (GONÇALVES, 2005, p. 45). Prefixos e prefixoides são neutros do ponto de vista expressivo, sendo raras formações como ‘desprefeito’, em que o falante põe em xeque a eficiência do administrador público, e ‘submundo’, termo usado em referência a uma espécie de “mundo inferior”, de que fazem parte marginais ou delinquentes, vistos como grupo social organizado (HOUAISS, 2007).

Do ponto de vista fonológico, prefixos e prefixoides não afetam a posição do acento lexical da palavra à qual se agregam, como se observa

em ‘eletrochoque’ e ‘bioalisamento’ (casos de recomposição) e ‘pré-natal’ e ‘pós-parto’ (casos de prefixação). Ainda em relação a questões de natureza fonológica, pode-se afirmar que a maior parte dos prefixos, da mesma maneira que a totalidade dos prefixoides, projeta palavra prosódica independente, fazendo com que a construção morfológica resultante se realize sob dois acentos⁴². Na proposta de Mattoso Câmara Jr. (1970), para a representação dos graus de acento em português, tanto prefixos quanto prefixoides portariam acento 2, índice que sinaliza a existência de duas palavras fonológicas:

(08)	ecotaxa	antirugas
	2 0 3 0	2 0 3 0

Tanto prefixos composicionais quanto prefixoides são sensíveis à regra de redução de coordenação (KENESEI, 2007). Como se constata nos exemplos em (09), para prefixos, e em (10), para prefixoides, quando duas formas são postas em paralelo, a cabeça lexical da primeira pode não se realizar.

(09)	pré e pós-operatório inter- e subcutâneo	bi- e tricampeonato ex- e vice-presidente
(10)	auto- e aeromodelismo agro- e econegociação	tele- e autoatendimento homo- e heterossexual

Por outro lado, a paridade entre forma encurtada e forma plena indicia o processo de composição (GONÇALVES, 2011a), já que *petro-* e *homo-*, por exemplo, evocam “petróleo” e “homossexual”, nessa ordem. Acrescente-se, também, o fato de prefixos combinarem-se exclusivamente com palavras, de modo que essa é, nos termos de Villalva (2000), a única variável lexical com que se combina esse tipo de formativo. Afixoides, por sua vez, podem combinar-se com vários tipos de constituintes, além de palavras: *splinters* (porções não morfêmicas oriundas de cruzamentos e truncamentos), como em (11), radicais (12) e xenoconstituintes (*splinters* do inglês), cujos exemplos aparecem em (13):

(11) eletronejo aerobu agrorocínio telerda

⁴² Diferenciam-se, por essa propriedade, dois tipos de prefixos do português (SCHWINDT, 2001): (a) os PCs, prefixos composicionais, como *pós-*, *pré-*, *ex-* e *sub-*; e (b) os PLs, prefixos legítimos, como *in-*, *des-* e *re-*. PCs funcionam fonologicamente como palavras autônomas, isto é, portam acento, pois são dissílabos paroxítonos, como *contra-*, *anti-*, *mega-* e *super-*, ou monossílabos tônicos, a exemplo de *pró-*, *ex-* e *pré-*. Já os PLs, em número significativamente menor na língua, configuram sílabas inacentuadas que funcionam, na realidade, como pretônicas em relação à base, como se observa em ‘injusto’, ‘desentupir’ e ‘rever’.

(12)	biotério	ecopata	fototeca	motonauta
(13)	agroleaks	ecotube	homocyber	eletropedia

5. *Palavras finais*

Podemos afirmar, com base nessa descrição geral, que afixoides realmente ostentam propriedades de radical e afixo, não se nivelando, no entanto, com nenhuma dessas categorias, já que apresentam características próprias, que legitimam o reconhecimento de uma classe distinta de formativos. Além disso, defendemos, com base nesta pequena contribuição, que são tênues as fronteiras entre composição e derivação, pois vários processos morfológicos, como a recomposição, podem ser dispostos num *continuum* em que essas duas operações sejam encaradas como os polos prototípicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, Marker. On Derivational Asymmetries in Derivational Morphology. In: BENDJABALLAH, Sabrina; DRESSLER, Wolfgang U.; PFEIFFER, Oskar E.; VOEIKOVA, Maria D. (Eds.), *Morphology 2000: Selected Papers from the 9th Vienna Morphology Meeting*. Amsterdam, John Benjamins, 2000, p. 21-104.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BAUER, L. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. et al. (Eds.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 97-108.

BELCHOR, A. P. V. O processo de recomposição no português do Brasil a partir de auto e moto. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, 2011.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*, New York: Holt, 1933.

BOOIJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, W. et al. (Eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 109-131.

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CANO, W. M. O formativo tele- e suas variantes no português atual do Brasil. *Alfa*, São Paulo, n. 42, p. 9-22, 1998.

CORBIN, D. French (Indo-European: Romance). In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (Eds.). *Encyclopédie Internationale de Morphologie*, Article 121, Berlin: Walter de Gruyter, 2000.

CORBIN, Danielle; PAUL, Jérôme. Aperçus sur la créativité morphologique dans la terminologie de la chimie. *La banque des mots*, n. 60, 2000, p. 51-68.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DUARTE, P. M. Sobre o conceito de prefixoide em morfologia. *Palavra*, v. 5, n. 1, p. 171-91, 1999.

DUARTE, P. M. T. Fronteiras lexicais: sugestão para uma delimitação dos prefixoide em português. *Revista Philologus*, ano 14, n. 42. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2008.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, R. G. Da telepatia ao telejornal: um estudo morfossemântico da recomposição a partir de tele. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 135-153, 2011.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

_____. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. *Domínios de Lingu@gem*, n. 5, p. 62-89, nov.2011a.

_____. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, vol. 9, n. 5, p. 6-39, nov.2011b.

_____. Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polêmica. *Matraga*, v. 19, n. 30, 2012.

_____; ANDRADE, K. E. *O estatuto dos constituintes morfológicos e o continuum composição-derivação em português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011c.

_____; ALMEIDA, M. L. L. (no prelo). Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *ALFA. Revista de Linguística*, São Paulo, vol. 57, n. 3, 2013.

_____; THOMPSON, H. G. Uma morfomania: análise das construções X-mania por meio de um *continuum* composição-derivação. *Fórum Linguístico* (UFSC), Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 18-28, jan./mar. 2013.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

HOUAISS. *Dicionário digital da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JORDAN, Iorgu; MANOLIU, Maria. *Manual de lingüística románica*, Madrid: Gredos, 1980.

JESPERSEN, O. *Die Sprache, Ihre Natur, Entwicklung und Entstehung*. Heidelberg: Carl Winters Universitaetsbuchhandlung, 1925.

KASTOVSKY, Dieter. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: MCCONCHIE, R. W. et al. (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis* (HEL-LEX 2). Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2009, p. 1-13.

KENESEI, István. Semiwords and affixoids: the territory between word and affix, Budapeste, *Research Institute for Linguistics*, 2007.

LEHRER, Adrienne. Scapes, holics and thons: the semantics of combining forms, *American Speech*, v. 73, n. 1, p. 3-28, 1998.

LÜDELING, Anke. *Neoclassical word-formation*. Berlin: Universität zu Berlin, 2009.

MARCHAND, Hans. *The Categories and Types of Present-day English Word-formation*. München: Beck, 1969.

MARCHAND, H. *The Categories and Types of Present-day English Word-formation*. München: Beck, 1967.

MARTINET, A. *Elements de linguistique générale*. Paris: Didier, 1967.

MARTINET, A. *Grammaire fonctionnelle du français*. Paris: Didier, 1979.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

OLIVEIRA, P. A.; GONCALVES, C. A. O processo de recomposição e os formativos eco- e homo- no português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 171-184, 2011.

RALLI, Angela. Compounding versus derivation. In: SCALISE, S.; VOGEL, I. (Eds.). *The Benjamins Handbook of Compounding*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

ROCHA, L. C. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1988.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português contemporâneo brasileiro*. Curitiba: Scentia & Labor, 1989.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*, São Paulo: Contexto, 1992.

SCALISE, Sergio. *Generative Morphology*. Foris: Dordrecht, 1984.

SCHMIDT, Günter Dieterich. Das Affixoid: Zur Notwendigkeit und Brauchbarkeit eines beliebten Zwischenbegriffs der Wortbildung. In: GABRIELE, H. (ed.). *Deutsche Lehnwortbildung*. Tübingen: Narr, 1987, p. 53-101.

SCHWINDT, Luiz Carlos. *O prefixo no português brasileiro: análise Morfofonológica*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2001.

TAVARES DA SILVA, J. C. *O estatuto morfológico do formativo eletro- em português*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/SilvaJCT.pdf>>.

TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

TEN HACKEN, Pius. *Defining Morphology: a principled approach to determining the boundaries of compounding, derivation, and inflection*. Hildesheim: Olms, 1994.

VILLALVA, A. *Estruturas lexicais do português*. Coimbra: Almedina, 2000.

VIVAS, V. M. Outro enfoque sobre bio-: a recomposição em português (no prelo). *Cadernos do NEMP*, vol. 3, n. 1, 2013.

WARREN, Beatrice. The importance of combining forms. In: DRESSLER, Wolfgang U., OSKAR, Hans C.; PFEIFFER, Luschützky E.; RENNISON, John R. (Eds.). *Contemporary morphology*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1990, p. 111-132.